



PROTAGONISMO INDIVIDUAL E HEROÍSMO DOCENTE: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS MIDIÁTICOS EM TEMPOS PANDÊMICOS

Fernanda Mira Ribas Ferreira¹

Ademir Aparecido Pinhelli Mendes²

RESUMO

Relata a experiência de professores da Educação Básica durante o período pandêmico. Seu objetivo visou identificar, no discurso midiático sobre o processo educacional, evidências da aparente responsabilidade efetiva do poder público na gestão da educação e no direcionamento de políticas educacionais em tempos pandêmicos. Para isso, foram ouvidos professores da Educação Básica acerca de suas condições de trabalho, em contraposição ao discurso veiculado pela mídia, que ressalta a imagem de heroísmo e protagonismo individual docente, com ênfase no individualismo e na meritocracia. A partir da análise das respostas dos professores, encontraram-se evidências da precariedade da formação docente para o uso de novas tecnologias, bem como da inexistência de políticas públicas de apoio ao acesso a equipamentos tecnológicos digitais e de suporte logístico e financeiro aos docentes e discentes diante das demandas exigidas pelo novo modelo de educação remota. As evidências resultantes das pesquisas com os professores indicam que os profissionais da educação não foram sequer consultados quanto à implementação do ensino remoto nas redes de ensino. Pior do que isso, não possuem mecanismos para se contrapor ao projeto de desrespeito ao processo de ensino-aprendizagem, tido como direito universal. Há evidências de que o modelo de ensino remoto implantado durante a pandemia nas redes públicas de ensino é excludente e, certamente, seus impactos serão bem mais expressivos nos estudantes das classes trabalhadoras. Mas, para entender isso, será preciso tirar o véu da aparente normalidade que a mídia joga sobre a realidade educacional.

Palavras-chave: Educação Básica. Trabalho Docente. Covid-19.

¹ Licenciada em Arte e Pedagogia. Professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná.

² Licenciado em Filosofia e Pedagogia. Professor da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná.



INTRODUÇÃO

Este artigo relata a experiência de professores da Educação Básica durante o período pandêmico de Covid-19, com o objetivo de identificar, no discurso midiático sobre o processo educacional, evidências da aparente responsabilidade efetiva do poder público na gestão da educação e no direcionamento de políticas educacionais em tempos pandêmicos.

Em busca de evidências empíricas, foram ouvidos alguns professores da Educação Básica, por meio de trocas de mensagens no WhatsApp, a fim de que externassem suas dificuldades com a implementação do ensino remoto e pudéssemos fazer um contraponto com o discurso da mídia, que divulga a imagem do protagonismo e do heroísmo individual docente, dando ênfase ao individualismo e à meritocracia. A partir da análise dos dados coletados, foi possível identificar que o profissional docente tem formação insuficiente para o uso e a apropriação das novas tecnologias; que não conta com apoio público e estrutura para enfrentar as demandas exigidas pelo novo modelo de educação vigente; e que não foi ouvido no processo de implementação do novo modelo de educação remota em meio digital.

METODOLOGIA

Em pesquisa de opinião realizada com um grupo de professores da Educação Básica em 2021, foi-lhes enviada a seguinte pergunta, por meio do aplicativo WhatsApp: quais são suas percepções sobre o resultado das ações pedagógicas divulgadas pela grande mídia?

Ao todo foram coletadas e analisadas 06 respostas dos professores enviadas pelo aplicativo.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A traição das imagens (Figura 1), obra de René Magritte, consiste na imagem de um cachimbo marrom sobre um fundo amarelado ocre, com uma inscrição um pouco abaixo – “Isto não é um cachimbo” – e a assinatura do pintor.

Aqui, de uma maneira bem sucinta, iniciaremos a análise desta imagem e de seus significados: René Magritte pertenceu a um movimento histórico-artístico conhecido como Surrealismo, cujo objetivo era desenvolver uma pesquisa imagética sobre sonhos e realidade. Fortemente influenciada pelos estudos freudianos, a imagem traz o paradoxo linguístico entre uma imagem afirmativa e a frase negativa:

Figura 1 – The Treachery of Images (This is Not a Pipe)



Fonte: Magritte (1929).

Santaella (1983) indica que a semiótica aparece juntamente com a comunicação e a linguística, pois cabe ao interlocutor dar significado à obra. Essa significância (semiótica) é construída com o discurso interno e o discurso externo, entre os quais há um véu de ignorância. Por analogia, entendemos que, assim como a obra de arte, a imagem positiva de ações educacionais apresentadas pela mídia, por vezes, veicula um juízo formado a partir de meias



verdades, ou de verdades sob o véu do não conhecimento. Assim, fica claro o poder que a imagem exerce sobre nossa capacidade de juízo, de tal modo que a julgamos sumariamente e tomamo-la por verdade.

Nesse período pandêmico, a mídia veicula muitas verdades dúbias, dentre as quais destacamos as histórias de superação em favor da educação. Analisaremos apenas uma das situações noticiadas:

Em meio à vegetação da maior floresta tropical do planeta, lá está a árvore oferecendo sombra e esperança ao jovem Artur Mesquita, de 15 anos, que se mantém como um dos alunos mais aplicados do 1º ano do ensino médio, no município de Alencar, no oeste do Pará. E, é desta maneira, desde novembro de 2020, que o jovem estudante acessa à internet para ter as aulas, fazer atividades, baixar conteúdo e falar com os professores. Todos os dias, assim que a aula começa, ele vai para a árvore, onde o sinal de internet funciona melhor. Artur e o irmão procuravam por sinal de celular pela comunidade e, foi embaixo de uma mangueira, que eles perceberam que o celular tinha sinal. Ao subir na árvore, a intensidade aumentava cada vez mais. Esta foi a maneira que eles encontraram de acompanhar aulas, que passaram a ser *online* por conta da pandemia de Covid-19. Artur e o irmão chegaram a construir uma escada, um banquinho e até um suporte para o celular no alto da árvore. Questionado sobre o que pensa para seu futuro, o estudante respondeu: dar uma vida melhor para minha mãe, para o meu pai e terminar minha faculdade. (JOVENS..., 2021).

Jovens que, com pouco ou nenhum recurso, conseguiram acompanhar as aulas remotas. Professores que, de alguma maneira, apresentaram o conteúdo. Essa é a situação posta como verdade pela mídia. Mas cabe aos pesquisadores da educação tirar o 'véu' da aparência e buscar a veracidade das questões subjacentes a estas imagens e ao seu contexto.

A exceção não pode ser apresentada como regra. Muitos professores estão adoecendo – isto já acontecia antes, devido à não valorização do profissional, às más condições de trabalho, à má remuneração, entre outros – mas, durante o período pandêmico, outros fatores foram somados à precarização do trabalho docente, como, por exemplo, as questões voltadas ao uso das novas tecnologias digitais, bem como ao modo e ao momento adequados de usá-las pedagogicamente. Além disso, outros elementos



precisam ser considerados, como o conhecimento técnico, os recursos financeiros, o tempo para adequar o planejamento da sala presencial à sala virtual etc. Também seria necessário analisar as condições de aprendizagem experimentadas pelos estudantes, como, por exemplo, o acesso às plataformas digitais, a infraestrutura da família e os problemas financeiros e de ordem social.

Para Saviani (1996), em um processo histórico crítico, cabe ao professor assumir uma postura filosófica e refletir sobre os problemas educacionais, pois somente assim se torna o agente que ensina o aluno sobre como pensar e construir argumentos. O autor afirma que o professor precisa ter uma visão rigorosa, radical e de conjunto, refletindo com profundidade, analisando os fatos com rigor e colocando em questão as conclusões da sabedoria popular e as generalizações apressadas.

Em uma sociedade capitalista, a democracia representativa assume um papel neoliberal, e sua força está centrada no indivíduo, do qual surge o conceito de meritocracia. Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 5) discorre sobre o tema apontando as grandes dificuldades que despontaram neste período pandêmico: “A atual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade”, mas exigiu uma mudança rápida na postura social de cada indivíduo.

Segundo Nóvoa (2020, p. 8),

[...] os governos deram respostas frágeis [à pandemia] e as escolas também. As melhores respostas, em todo o mundo, foram dadas por professores que, em colaboração uns com os outros e com as famílias, conseguiram pôr de pé estratégias pedagógicas significativas para este tempo tão difícil.

Neste momento, é importante enfatizar que a Constituição Federal do Brasil garante educação à sociedade de maneira ampla e irrestrita, mas fato é que, neste período pós-março de 2020, a lei não está sendo cumprida:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu



preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

[...]

Art. 208. O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade.

[...]

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que: I – comprovem finalidade não lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação [...]. (BRASIL, 1988).

A partir das observações de Nóvoa (2020) e da não aplicação da Constituição Federal, fica evidente o descaso do Estado diante da educação neste período pandêmico.

Diante de tanto desencontro de informação, pergunta-se: como tornar significativo o processo de ensino-aprendizagem para o aluno oriundo da classe trabalhadora? Foi o professor que conseguiu fazer chegar ao aluno o conteúdo, mas este mesmo professor, muitas vezes, não conseguiu receber o *feedback* do aluno, nem o aluno teve retorno das atividades que fez, o que ocasionou ansiedade e frustração – em muitos casos, em ambos –, pois, a rigor, não houve processo de ensino-aprendizagem.

Este trabalhador da educação precisou criar estratégias sem nenhum amparo pedagógico ou legal para o exercício de sua profissão. Obviamente que os resultados foram os piores possíveis. Os professores se desdobraram neste período, usaram recursos financeiros próprios, descuidaram de sua saúde (física e mental) e deixaram de lado suas famílias, para atingirem os alunos de modo minimamente pedagógico, mas muitos destes não tiveram recursos para acompanhar as aulas remotas. Equipes pedagógicas e de gestão concentraram



esforços indo às casas dos alunos, para que estes ‘resolvessem’ atividades impressas (embora não tenham tido suporte teórico-prático para a resolução). Em vista do exposto, diante de tantas adversidades, como o Estado iria mostrar ao mundo sua eficiência enquanto gestor da educação? Em 2019 (antes da pandemia), a Secretaria de Educação do Paraná criou um projeto de recuperação denominado “SE LIGA” (PARANÁ, 2020), que tinha como objetivo instituir uma recuperação conteudista no fim do ano letivo, indo contra toda a concepção de educação seguida pelos 2,6 milhões de educadores no Brasil, dentre os quais 48.280 pertencem ao quadro permanente de professores do Paraná, segundo o Censo de 2011.

Em 2020, este mesmo programa possibilitou a aprovação em massa dos estudantes, evidenciando o descaso para com a qualidade do ensino, supostamente assegurada pela Constituição Federal.

A seguir, apresentam-se algumas das respostas em que os professores da Educação Básica manifestam suas percepções. Os respondentes foram identificados apenas pelas abreviaturas Prof. 01, 02, 03, 04, 05 e 06, a fim de que a identidade dos participantes se mantivesse em sigilo:

Eles querem reafirmar a questão de “quem quer faz e não fica de mi mi mi”. (Prof. 01).

Discurso excludente de meritocracia.” (Prof. 02).

Oiii... então, sempre acho que o governo tem obrigação de suprir seja lá o que for para a educação e o bem-estar dos estudantes. Mas... sei que dificilmente acontece. (Prof. 03).

Para mim, essas pessoas que tomam iniciativa para resolver problemas na educação, ou na vida de pessoas, não são heróis, elas nem se veem dessa maneira. São pessoas ESPECIAIS, agem de maneira pura e simples. (Prof. 04, grifo no original).

A mídia tem que vender notícias... e o descaso do governo não interessa à população de um modo geral. Então, tentam dourar a pílula... contam histórias, mostram as mazelas sem apontar culpados, sem se indisporerem com os mandatários. Sem também que a grande massa se aperceba da notícia subliminar. (Prof. 05).



Na realidade, o governo (qualquer um) ignora o povo, a Constituição... É do interesse [do governo] que continuemos ignorantes. (Prof. 06).

Diante dessas significativas percepções por parte dos professores que responderam à pesquisa, nota-se que, ao longo dos anos, pouca coisa mudou.

Segundo Nóvoa (2020), não podemos tratar o anormal como normal, portanto os espaços escolares e os ambientes virtuais devem ser objetos de um novo olhar, a fim de que possam ser reorganizados. E o mesmo discurso se refere aos currículos, que devem se concentrados nas linguagens, no conhecimento e na inteligência do mundo. Além disso, o trabalho docente precisa ser genuinamente valorizado, e os professores devem gozar de autonomia e liberdade para selecionar o que é fundamental ao aluno (do ensino infantil à pós-graduação). Que haja um espaço de escuta no ambiente escolar, que o lugar da obra e do conhecimento seja garantido!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências resultantes da pesquisa inicial realizada indicam que os profissionais da educação não foram sequer consultados quanto à implementação do ensino remoto nas redes de ensino. Pior do que isso, não possuem mecanismos para se contrapor ao projeto de desrespeito ao processo de ensino-aprendizagem, muito embora se trate de um direito universal.

Durante a pandemia de Covid-19, com o ensino remoto, observa-se como os professores passaram a ser ainda mais responsabilizados e cobrados pela mídia e pelos gestores da política educacional por resultados exitosos.

Somado a essa cobrança, por de trás da ênfase no discurso meritocrático, observa-se o interesse de desqualificar o trabalho de mediação na aprendizagem, bem como de desresponsabilizar as instâncias governamentais pelo fracasso deste modelo de ensino remoto, instituído sem condições materiais e pedagógicas para que se efetivasse a contento.



Os resultados da pesquisa evidenciam como o modelo de ensino remoto implantado durante a pandemia nas redes públicas de ensino é excludente, pois, certamente, seus impactos serão mais significativos nos estudantes das classes trabalhadoras. Mas, para entendermos isso, será preciso tirar o véu da aparente normalidade que a mídia joga sobre a realidade educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2021.

CARBONEL, J.; PADILHA, J. S. **Pedagogias do século XXI**: bases para a inovação educativa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

JOVEM sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará. **G1**, [S. l.], 21 mar. 2021. Disponível em: <https://glo.bo/38EWJQB>. Acesso em 19 maio 2021, 16h35min.

MAGRITTE, R. **The Treachery of Images (This is Not a Pipe)**. 1929. 1 original de arte, óleo sobre tela, 63,5 x 93,98 cm. Museu de Arte do Condado de Los Angeles.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. Diretoria de Educação. Diretoria de Planejamento e Gestão Escolar. Orientação Conjunta nº 12, de 11 de dezembro de 2020. Orienta as escolas estaduais e os Núcleos Regionais de Educação (NREs) quanto aos encaminhamentos para o encerramento do ano e a validação da carga horária referente ao Calendário Escolar de 2020.

Diário Oficial do Estado do Paraná: Curitiba, p. 707, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3DRA4in>. Acesso em: 20 jun. 2021.

NOVOA, A. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 8-12, ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2WWql48>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 11. ed. Campinas: Editores Associados, 1996.